

## Lições da ayahuasca na AEUDV<sup>1</sup> pernambucana

### *Lessons of ayahuasca in the AEUDV from Pernambuco*

Wagner Lins Lira<sup>2</sup>

#### RESUMO

O objetivo deste ensaio é analisar os fenômenos espirituais emergentes nas sessões com ayahuasca da Associação Espiritualista União do Vegetal, dissidência *udevista* pernambucana situada no município de Riacho das Almas. Procuraremos entender como se dá a ligação dos adeptos com o assim denominado 'Astral Superior' a partir da relação direta entre espírito e matéria num dualismo complementar e não redutor, baseado no referencial doutrinário e nos princípios do fundador da União do Vegetal, mestre José Gabriel da Costa. As entrevistas realizadas com alguns adeptos nos permitem entender a manifestação do êxtase religioso, assim como os caminhos a serem trilhados diante das informações recebidas nos ritos com ayahuasca, considerada uma 'bebida professora', que costuma testar progressivamente seus alunos mediante o contato com essa realidade espiritual.

**Palavras-chave:** Antropologia. Bebidas. Ayahuasca. Rituais. Êxtase religioso.

#### ABSTRACT

The aim of this essay is to analyze the emergent spiritual phenomena in the ayahuasca sessions in the *Associação Espiritualista União do Vegetal*, a schismatic *udevista* sect from Pernambuco state located in the city of *Riacho das Almas*. We will seek to understand how the participants are connected with the so-called '*Superior Astral*', considering the direct correlation between spirit and matter in a complementary and not reduced dualism, based on the doctrinaire referential and principles of the founder of the União do Vegetal, master José Gabriel da Costa. The interviews conducted with some followers allow us to grasp the manifestation of religious ecstasy, as well as the routes to be followed before the received information

<sup>1</sup> Grupo pernambucano dissidente do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, religião ayahuasqueira brasileira, mais conhecida por União do Vegetal ou UDV. Durante minha dissertação, abordei os fenômenos institucionais e espirituais emergentes em dois grupos nordestinos dissidentes; a Sociedade Espiritualista União do Vegetal (SEUDV), no estado de Pernambuco, e o Centro de Harmonização Interior Essência Divina (CHIED), em Alagoas. Meses depois fui informado de que a SEUDV pernambucana havia mudado de nome, passando-se a se chamar Associação Espiritualista União do Vegetal (AEUDV). Portanto o que mudou foi apenas a nomenclatura, pois a instituição não tem fins lucrativos, sendo conveniente aos mestres e adeptos denominá-la por Associação, tanto no âmbito institucional e administrativo, quanto espiritual. Mesmo afastada institucionalmente da religião oficial *udevista*, a AEUDV procura continuar com a tradição, seguindo os princípios doutrinários do fundador, o mestre José Gabriel.

<sup>2</sup> dedica-se ao estudo do fenômeno xamanístico no estado de Pernambuco junto ao Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Sobre o Imaginário, pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia da UFPE e é pesquisador correspondente do Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sobre Psicoativos (NEIP). [neoxamam@hotmail.com](mailto:neoxamam@hotmail.com)

in ayahuasca rites, known as a 'drink teacher' that often test his pupils through the contact with that spiritual reality.

**Key-words:** Anthropology. Drinks. Ayahuasca. Rituals. Religious Ecstasy.

## 1 A BURRACHEIRA<sup>3</sup>

Quando o Hoasqueiro<sup>4</sup> comunga o Vegetal ele é tomado por uma *força estranha*. Força mágica da natureza, inspirada nos efeitos da união do marirí com a chacrona<sup>5</sup>. Força que todo discípulo precisa conhecer para saber agir produtivamente sob seus efeitos, pois é preciso “trabalhar” dentro dos estados da consciência ampliada, para então, poder tirar proveito desses ensinamentos. Trabalhar nos estados incomuns da consciência significa ter controle durante o êxtase para ser capaz de assimilar algumas informações emergentes nesses momentos singulares. O controle e a profundidade das experiências surgem com o tempo e a partir do uso prolongado da ayahuasca, que passa a ser ministrada num âmbito doutrinário específico. Em nosso caso particular, trata-se da esfera udevista estabelecida pelo mestre José Gabriel da Costa e que norteia os trabalhos espirituais da AEUDV.

Norman Zinberg (1984, p. 37), ao analisar o uso dos psicoativos, afirma que as sociedades humanas constroem culturalmente alguns meios relativos ao controle, uso e precaução das situações adversas que possam vir a acontecer antes, durante e depois do efeito de determinadas substâncias. Para tal, segundo este autor, são elaborados **sanções** e **rituais sociais** que minimizam as reações danosas provocadas por certos entorpecentes. A pesquisa de Zinberg foi direcionada aos psicoativos ilícitos usados pelos norte americanos na década de 70. Para o nosso caso específico, sua teoria nos ajuda a compreender como é possível administrar e

---

<sup>3</sup> Segundo os interlocutores, o mestre Gabriel foi quem trouxe essa palavra no intuito de denominar os efeitos do chá. Acredita-se que seja derivada da palavra espanhola *borrachera*, que denomina os estados da embriaguês alcoólica. Provavelmente, nos seringais, as pessoas deviam se referir às propriedades visionárias da infusão chamando tudo aquilo de *borrachera*. Então o mestre teria substituído o “o” pelo “u”, criando uma nova denominação para diferenciar o estado místico da bebida, daquele entorpecimento profano remetido pela palavra *borrachera*.

<sup>4</sup> Os Hoasqueiros são todos udevistas guiados pela sabedoria de Oaska, importante personagem da cosmologia dessa tradição. Maiores detalhes sobre o mito fundante da doutrina; “*a História da Oaska*” consultar: Goulart (2004), Andrade (2005) e Lira (2009).

<sup>5</sup> O Vegetal é produzido a partir da decocção de duas plantas amazônicas; o cipó Marirí (*Banisteriopsis caapi*) e as folhas da Chacrona (*Psychotria viridis*).

controlar os diversos efeitos das experiências com o chá e, conseqüentemente, domesticar a força estranha.

Segundo Zinberg (1984), as sanções sociais estariam relacionadas à regularidade com a qual a substância é administrada. Elas são informais e se estabelecem pela lei ou por grupos sociais que ditam os valores e as regras em relação ao consumo. Os rituais sociais servem de reforço às sanções. As regras e interditos comuns às sanções passam a ser revisitados nesses momentos onde acontece o uso controlado da substância. O ritual social está intimamente relacionado à forma de obtenção do psicoativo, à escolha do *setting* físico e social, às atividades após o consumo e à forma de lidar com as reações adversas durante a experiência.

A partir dos estudos de Norman Zinberg, Howard Becker e Jean-Paul Grund, Edward MacRae (2004, p. 2) afirma que tais autores levam em consideração que os grupos usuários de substâncias psicoativas compartilham de um conjunto de saberes construído e mantido a partir da vivência dos indivíduos nessas redes de relações. Dessa forma, valores, normas, regras de conduta e rituais sociais passam a conduzir as modalidades de uso, que incluem a vida dos sujeitos usuários e a disponibilidade das substâncias.

Ainda de acordo com MacRae (2004), é notável a permanência desses padrões de controle mantidos e construídos pelos diversos grupos que fazem o uso da ayahuasca ou de outros **enteógenos** ministrados ritualmente. O saber xamânico é mantido e readaptado à realidade de seus usuários. Apesar das distintas esferas que comungam esse chá, seu uso permanece controlado e direcionado às práticas espirituais de cunho divino cujas propriedades vão além da química e da física dos seus compostos.

Enteógenos são quaisquer elementos da natureza que possuam poderes visionários. Quando ministrados, normalmente em ritos específicos, são capazes de promover estados de realidade incomuns, que normalmente são interpretados como manifestações divinas oriundas do contato com o sagrado. Mediante rituais, tais elementos naturais agem como mediadores entre o mundo da experiência imediata e as infinitas dimensões espirituais que permeiam a existência humana.

Esses religiosos acreditam que a bebida é um ser divino e como tal merece respeito ao ser ministrada e produzida, pois possui vida, sacralidade e vontade própria. Esse respeito se faz presente a partir do momento em que seus adeptos

elaboram formas rituais padronizadas, nas quais se cria uma atmosfera favorável ao desenvolvimento da experiência. É necessário, portanto, estruturar os eventos da sessão para que o participante sinta-se à vontade durante o ritual. É preciso domesticar o êxtase.

Mircea Eliade (1992, p. 87), acredita que em toda esfera religiosa existem formas de alcance divinal caracterizadas pelo contato direto ou indireto com o sagrado. O êxtase é uma das constantes universais da experiência religiosa. O meio para atingi-lo varia de acordo com o sistema de crenças que os promove. Quando alcançado, o êxtase místico tem o poder de atuar no modo de vida das pessoas, operando uma **mutação ontológica**, “domesticando” os fieis. Para se atingir o êxtase se faz necessária uma preparação que, segundo Eliade (1992), favorece uma série de mudanças ao homem religioso tanto em relação às posições que cada um ocupa num grupo social específico, como em relação à reformulação individual e coletiva de pensamentos, atitudes, conceitos e idéias.

No caso Hoasqueiro o êxtase, ou burracheira, se apresenta a partir do consumo do sacramento Vegetal, uma beberagem psicoativa amazônica, aderido às práticas doutrinárias estabelecidas pelo mestre José Gabriel da Costa. As plantas que compõem essa infusão também podem ser enquadradas na categoria plantas professoras. Como tais, elas ensinam, agora cabe aos seus discípulos seguir algumas regras impostas pela bebida. Não só a bebida e o êxtase impõem regras aos seus usuários, de acordo com Zinberg (1984) e MacRae (2004), os sistemas sociais que deles compartilham também elaboram formas de uso, que devem ser seguidas para a transmissão desses aprendizados.

Os sistemas udevistas também compartilham dessa dinâmica, visto que, por meio de sanções e rituais, eles domesticam a força estranha, mas também se deixam domesticar por ela durante as sessões e, conseqüentemente, no seu dia-a-dia. Podemos verificar que aqueles adeptos mais experientes mantêm-se firmes durante os encantos da burracheira. Com o tempo, o indivíduo passa a exercer um controle maior do seu corpo nesses estados incomuns, que passam a ser cada vez mais comuns de acordo com a continuidade das experiências.

Isso porque sua participação nas sessões lhe permite um contato maior com os símbolos e sensações promovidos pelos rituais, que reforçam as sanções sociais pensadas por Zinberg (1984) e MacRae (2004). Os iniciantes, normalmente, ficam confusos e não sabem administrar bem essa experiência, tendo que superar

Cad. de Pesq. Interdisc. em Ci-s. Hum-s., Florianópolis, v.11, n.98, p. 525-560, jan/jun. 2010

algumas fases primordiais para saber trabalhar nos estados da consciência ampliada. Os Hoasqueiros afirmam que o aluno experiente e disciplinado vai aprendendo as lições, com o tempo, até que a força deixa de ser estranha e ele passa a vislumbrar uma fluência cognitiva, para além dos seus limites físicos e psíquicos.

Assim ele pode alcançar o grau maior do conhecimento favorecido pela ingestão do Vegetal, chamado burracheira, que é interpretada como uma mensagem esclarecedora emergente nos momentos do transe. São as idéias, visões e resoluções de problemas pessoais na vida do Hoasqueiro. É o que faz a diferença em relação à experiência mais rudimentar, conhecida por miração<sup>6</sup>. Na AEUDV, a miração é interpretada como uma simples miragem que se apresenta, durante a experiência, coberta de ilusão e criações.

Timothy Leary, Ralph Metzner e Richard Alpert, ao analisarem o Livro Tibetano dos Mortos nos anos 60, estabeleceram algumas fases comuns às experiências psicodélicas, comparando-as aos estados além-corpo interpretados pelo sistema de crença lamaísta<sup>7</sup>, do qual o livro é derivado. A partir dessa comparação, surgiu em 1964 o livro intitulado; “*A Experiência Psicodélica- Um Manual Baseado no Livro Tibetano dos Mortos*”. O *Bardo Thodol*, como o livro original é conhecido na língua tibetana, descreve as experiências esperadas nos momentos do falecimento até a reencarnação do espírito.

Os três pesquisadores afirmam que determinadas visões e sensações constadas nestes escritos sagrados são similares ao transe promovido pelas principais substâncias psicoativas, entre elas o LSD, a mescalina, a dimetiltryptamina<sup>8</sup> e a psilocibina (LEARY; METZNER; ALPERT, 1964). As visões e sensações são descritas, nesse guia básico do êxtase psicodélico a partir da comparação com o *Bardo Thodol*, de acordo com a profundidade da experiência. Os níveis mais elementares e comuns parecem variar desde simples projeções interiores de luzes, mandalas, figuras, raios e brilhos, até reflexões mais profundas de cunho pessoal e relativas aos aspectos emocionais do sujeito. São os chamados **jogos visionários** que ampliam os sentimentos de amor, unidade e afeição.

<sup>6</sup> Para os daimistas, a miração é o mais perfeito estágio da experiência. É quando se entra em contato com a realidade divina. A miração para os daimistas seria a burracheira para os udevistas. Em ambos os casos objetiva-se a atenção para o aprendizado favorecido pela ayahuasca. Daimistas são os seguidores de outra doutrina ayahuasqueira brasileira, mais conhecida por Santo Daime.

<sup>7</sup> Termo referente ao budismo tibetano.

<sup>8</sup> Princípio ativo presente na ayahuasca.

Os estados mais superficiais da experiência com o Vegetal, nos quais o adepto iniciante é lançado ao comungar a bebida, na AEUDV é encarado como miração. As luzes, mandalas e visões internas que aparecem nesses momentos são interpretadas como simples criações espontâneas do ego. Eles costumam dizer que é quando o Hoasqueiro começa a criar. O aluno disciplinado não dá voz à sua imaginação. Ele sabe canalizar o fluxo dessas informações, durante o ritual, e vai procurando distinguir a burracheira da miração.

*“A miração seriam esses filmes com luzes coloridas, túneis coloridos que você vê e que a princípio não estão dizendo nada, a não ser para os olhos. A burracheira se apresenta quando tem algo para dizer. É como se fosse o pensamento da gente (...) é como se fosse o nosso eu, no caso o espírito nos falando abertamente e na hora da burracheira vem uma resposta muito inteligente. Ensino é aquilo que você vê, ouve, sente e jamais esquece, mas isso se você for merecedor. A diferença da burracheira para miração é que você vê uma história com começo, meio e fim. Você nota uma inteligência muito grande por trás explicando as coisas e na miração não. Tudo depende do seu merecimento” (Mestre Jú Medeiros: 52 anos: pertence ao Quadro de Mestres da AEUDV).*

O merecimento é um tema recorrente neste sistema de crenças. A doutrina udevista é considerada cristã e reencarnacionista. Acredita que nenhuma ação, gesto ou palavra possam existir sem uma reação. Seja ela positiva ou negativa, segundo os princípios da União do Vegetal, os problemas, infortúnios, saúde, doenças, tristezas e alegrias ocorrem pelo merecimento do sujeito. O que vivemos no presente é reflexo daquilo que praticamos no passado. Os interlocutores acreditam que o caminho para a iluminação espiritual passa pela redução dos erros a partir do acúmulo das experiências vividas.

O Vegetal atua ampliando as informações necessárias ao espírito num curto espaço de tempo. Seguindo este princípio, o nível de informação obtido numa sessão com o Vegetal, também varia de acordo com o merecimento do adepto. Para ser merecedor desses ensinamentos, o aluno passa por algumas provas impostas naturalmente pelo chá professor. Ao longo da pesquisa<sup>9</sup>, os entrevistados da AEUDV evidenciaram alguns testes que o Hoasqueiro precisa superar para poder entrar nos encantos com mais lucidez.

Para tal, antes de tudo, ele age com simplicidade, que está intimamente relacionada ao seu autocontrole sob o efeito da bebida. Eles afirmam que é preciso

<sup>9</sup> Durante a pesquisa de campo foram dedicados, à Associação Espiritualista União do Vegetal, na época Sociedade Espiritualista União do Vegetal, os meses de novembro do ano de 2007 e janeiro, fevereiro e março de 2008.

manter o pé no chão e a cabeça nas estrelas. Portanto o aluno não pode deixar-se engrandecer pelas visões e informações obtidas durante o transe, pois essas falsas sensações ou mirações interferem na comunicação com o Astral. O êxtase maior ou burracheira, nesse caso, surge a partir das mensagens esclarecedoras de cunho pessoal e que passam a conduzir a vida do Hoasqueiro. Tais mensagens elucidativas são acessadas, a partir de um envolvimento maior do adepto nas sessões e na doutrina.

Em comum acordo, eles afirmam que o discípulo também deve procurar ser solidário e auxiliar os mais próximos a partir das instruções recebidas no Astral. Tudo isso representa uma espécie de preparação para que o Hoasqueiro entre nos encantos do Vegetal mais lúcido e firme. Podemos entender essas provas como uma ação direta do êxtase a partir do seu poder de mutação ontológica, como pensado por Eliade (1992, p. 87) e que permite ao Hoasqueiro uma reformulação contínua de suas relações com o corpo, com os outros e com mundo, de forma que a vida passa a adquirir outro sentido.

Os testes da vaidade e do autocontrole apresentam-se, na verdade, como caminhos e fases que devem ser superados e que vão permitir um discernimento maior diante da forma peculiar com a qual o chá se comunica. As provas não seguem uma ordem pré-estabelecida, mas a superação dessas fases permite um maior grau de concentração, que faz aumentar o grau de memória e recordação dos alunos. O discípulo doutrinado não se deixa levar pelas visões e múltiplas sensações aparentemente provocadas pela ingestão do chá. Ele sabe o que quer e canaliza esse fluxo cognitivo a seu favor, porque com o tempo ele conseguiu domesticar aquela força estranha fazendo-a sua fiel aliada<sup>10</sup>.

Eliade (1992, p. 13) explica que o termo **hierofania** pode ser entendido como a manifestação de uma realidade sacra. Representa a existência de eventos incomuns à realidade profana do homem e se manifesta de maneira variada em todas as religiões. Nesse caso, é correto afirmar que existe uma enorme variedade de hierofanias devido à pluralidade de crenças inerentes ao comportamento humano. No caso Hoasqueiro, essa realidade sagrada se apresenta quando o indivíduo bebe o Vegetal e, conseqüentemente, tem acesso ao Astral Superior, considerado como a morada espiritual, morada do criador e de todos os seres

---

<sup>10</sup> Veremos que a força estranha ou burracheira também domestica os indivíduos através de castigos purificantes conhecidos como pêias.

celestiais. Ele passa a freqüentar tal realidade devido ao contato direto com as hierofanias fornecidas pela burracheira. Com o tempo, o aluno desenvolve um maior nível de concentração e discernimento tanto nas sessões como na sua vida cotidiana.

Lembrando que para os Hoasqueiros essa função oracular do Vegetal só é atingida a partir do envolvimento maior do adepto com as doutrinas do mestre Gabriel. Nelas estão implícitos os padrões de consumo da substância enteógena e as sanções pensadas por Zinberg (1984) e MacRae (2004). Os ensinamentos foram deixados para que seus discípulos estudem, avaliem e sigam os preceitos do mestre. Antes de tudo, é preciso saber que o contato com o Astral está ligado, principalmente, ao interesse e autocontrole do aluno durante as experiências. A partir daí é possível, com o tempo, canalizar o fluxo de informações e distinguir a burracheira da miração. Assim o adepto vai adquirindo uma conduta que está ligada ao seu merecimento. Ele passa a entrar nos encantos do chá com mais lucidez, meditando e adquirindo soluções para problemas mais diversos.

Todo aprendizado precisa ser posto em prática; sendo assim, o Hoasqueiro procura auxiliar outros irmãos a partir dessas informações, para continuar sendo merecedor, senão o aluno será cobrado diante de suas omissões e escolhas erradas. Eles costumam afirmar que a burracheira é do tanto e do jeito que o mestre Gabriel quer e, sendo assim, a guarnição está garantida, porém é preciso fazer por merecer. Segundo os interlocutores; o Vegetal tenta mostrar suas verdades pelo amor, mas quando o aluno é rebelde, discorda ou esquece dos conselhos e quer seguir do seu jeito, o professor ensina pela dor.

### **1.1 Domesticados pelo êxtase. Quando desce a pêia**

Para conseguir domesticar a força estranha o Hoasqueiro deve, primeiramente, ser domesticado por ela. Em outras palavras, os alunos costumam ser submetidos a alguns castigos, decorrentes da desatenção em relação aos interditos, ditos no Astral, e que envolvem mudanças de hábitos alimentares, abandono de vícios, cuidados com o corpo e com aqueles que lhes são mais próximos. Alguns atravessam passagens difíceis durante as sessões, sendo acometidos por náuseas, vômitos, diarréias, sentimentos negativos, momentos de depressão ou ansiedade. Essas passagens são encaradas como momentos-chave



no processo de aprendizado. Muitas vezes surgem quando o aluno se mostra esquecido, desrespeitoso ou irresponsável com os ensinamentos. Então o Vegetal lhe aplica uma lição.

A pêia<sup>11</sup> é encarada pelos grupos ayahuasqueiros como um momento no qual o adepto expulsa do corpo as energias ruins seja vomitando, suando e ou chorando. Ela se apresenta como uma punição imposta pelo Vegetal aos seus discípulos, que devem seguir alguns preceitos básicos, reforçados nos rituais, na tentativa de evitar tais situações adversas durante a sessão. É quando vemos o êxtase domesticando o homem (ELIADE, 1992) e o homem domesticando o êxtase (ZINBERG, 1984 e MACRAE, 2004).

*“A pêia do Vegetal é justamente quando as pessoas estão com aquela consciência intranquã, porque às vezes fazem coisas indevidas que até então eram devidas, mas eles percebem que aquelas devidas, são indevidas. Tudo começa com um drama de consciência, uma reflexão dos seus atos, de suas atitudes, vem à tona tudo quanto você fez e você tem consciência do porque está passando por tudo aquilo. Vem logo na mente isso: ‘foi por tal coisa. Foi tal coisa que eu fiz’. Você começa a sentir e ter consciência de que está pagando por alguma coisa feita indevidamente. Isso é a pêia. Sempre vem muito vômito e mal-estar. Sempre vem pra purificar e ensinar” (Mestre Patrício: 66 anos: Mestre Representante da AEUDV).*

A pêia aparece como um fenômeno universal em toda esfera ayahuasqueira, apresentando-se como componente estrutural e norteador dos ritos com a bebida. Seja entre as tribos indígenas e vegetalistas andinos onde o chá também é conhecido por “*La purga*” (LUNA, 1986; MACRAE, 1992), seja entre os ayahuasqueiros brasileiros (Alto Santo, CEFLURIS, Barquinha e UDV). Refere-se às propriedades purgativas do chá que vêm acompanhadas por sensações de enjôo, confusão mental, angústia e ansiedade que podem ser sentidas antes, durante e depois dos trabalhos com a infusão. O Vegetal parece exigir de seus discípulos um cuidado especial, um carinho com o mundo e uma espécie de mudança de atitude individual e coletiva. Segundo os interlocutores, isso permite ao adepto atingir a conduta necessária para a entrada nos encantos.

Tal conduta surge acompanhada pela capacidade do aluno ao absorver e pôr em prática os ensinamentos favorecidos no Astral, pela ingestão da bebida. Aqueles discípulos mais teimosos recebem uma punição, um castigo carinhoso chamado pêia. Isso porque determinadas atitudes cotidianas não condizem com o uso do

---

<sup>11</sup> Maiores detalhes sobre a pêia consultar, Silva (2002), para os daimistas e Ricciardi (2008), para os udevistas.

Vegetal. A pêia passa a ser um bom momento para a purificação e reflexão, no qual o adepto pode pensar sobre a sua condição no mundo a partir dos erros cometidos durante a vida.

De acordo com Ricciardi (2008, p. 52), as sensações ruins que acometem o sujeito durante estes momentos de purgação são evidências de alguns elementos rituais, que surgem nos momentos da burracheira e que acompanham o adepto para além das sessões, em seu cotidiano. O gosto amargo do chá, a sensação de pêia e o enjôo que ela produz parecem ser os elementos mais marcantes nesse processo<sup>12</sup>. Pode acontecer também do sujeito tomar o Vegetal e nada sentir. Para os Hoasqueiros essa é a pior pêia. Conhecido por castigo consciente, esse fenômeno pode causar constrangimento, pois o adepto que é por ele acometido, muitas vezes sente-se não-merecedor quando não tem a oportunidade de entrar nos encantos.

A lição do Vegetal parece ser maior de acordo com o grau de informação do discípulo. O castigo é mais forte para àqueles que sabem mais. O chá parece mostrar um erro na vida da pessoa por várias vezes, a partir de várias pêias distintas, sendo uma mais forte do que a outra. Nesse caso, as pêias só acabam quando o indivíduo aprende a lição e não volta a persistir no erro. Silva (2002, p. 94), ao investigar a pêia nos sistemas daimistas, afirma que o castigo simbólico possui múltiplos significados. A pêia pode atingir qualquer pessoa numa sessão com ayahuasca. Ela se apresenta em quase todos os rituais e funciona como um tipo de disciplina que costuma ser aplicada aos discípulos pelas plantas professoras. Sua principal causa seria a desobediência em relação aos ensinamentos e informações recebidos no Astral.

Porém a pêia sempre é vista como benéfica e de ação purificadora. Após esses momentos turbulentos, o indivíduo sente-se renovado e mais aliviado, pois a pêia, aparentemente, esclarece a origem dos infortúnios e demais dificuldades vivenciados pelo sujeito no seu dia-a-dia. O Hoasqueiro sabe que a pêia sempre vem para o bem. Ela vem para apurar e purificar. O castigo existe reforçando a memória do aluno quando o mesmo esquece ou ignora os fundamentos Hoasqueiros na condução das suas vidas cotidianas.

---

<sup>12</sup> De acordo com Ricciardi (2008, p. 52), alguns de seus interlocutores afirmaram ter sentido o gosto amargo do chá quando, por exemplo, consumiram bebida alcoólica numa ocasião fora da atmosfera ritual.

Então quando chega ao salão e bebe o Vegetal, ele é cobrado diante da sua omissão e displicência. A pêia também pode expor publicamente o castigado causando-lhe certo constrangimento perante a irmandade durante a dinâmica ritual. Para evitar esses momentos turbulentos, os discípulos costumam modificar sua vida, reformulando hábitos, ações e conceitos no seu dia-a-dia quando domestica o êxtase e se deixa domesticar por ele.

### 1.1.2 As más visões e o medo da morte

Não só o vômito, o enjôo e a diarreia são características da pêia. Além das confusões fisiológicas e psíquicas, nesse momento de purgação podem aparecer algumas visões ruins acompanhadas pelo medo da morte. Uma lição fundamental conhecida por todo Hoasqueiro consiste em perder o medo dessa experiência<sup>13</sup>. Ele confia na guarnição do mestre Gabriel e para tal deve-se manter equilibrado durante a sessão para poder afastar os maus pensamentos e más visões, seguindo firme durante a vida material e espiritual.

Os efeitos do chá são comparados ao estado de falecimento, daí o seu nome significar, na língua quéchua, liana dos espíritos ou vinho das almas e até mesmo cipó dos mortos (LUNA, 1986). Tal etimologia nos remete à peculiaridade dessa bebida que induz seus adeptos nos vários planos da consciência não acessíveis à realidade comum. Na verdade, esses múltiplos níveis da consciência ampliada passaram a ser combatidos culturalmente quando o ocidente tentou privilegiar a razão em detrimento à emoção, aos desejos, sonhos e devaneios.

O **paradigma** ocidental é guiado pela ação do reducionismo que funciona mantendo o dualismo opositor entre razão e emoção; corpo e espírito; mente e cérebro; ciência e arte; fantasia e realidade; vida e morte (LUTZ; WHITE, 1986; MORIN, 1999; MAFFESOLI, 2001; CARVALHO, 2003 e BACHELARD, 2004). Um paradigma pode ser compreendido como uma **visão de mundo** compartilhada por uma sociedade específica, numa determinada época e de acordo com determinada condição histórica. Tal constructo social norteador dita comportamentos,

---

<sup>13</sup> Quando passa mal numa sessão o Hoasqueiro chama por Tiaco, que age no auxílio dos necessitados. Alguns castigos são intensos, então os mestres dirigentes costumam fazer a chamada de Tiaco que é o grande rei no Salão do Vegetal. A história de Tiaco também está presente na "*História da Oaska*". Maiores detalhes consultar Brissac (1999), Goulart (2004), Ricciardi (2008) e Lira (2009).

tendências, concepções, idéias e sensações compartilhados entre os atores sociais que por ele são guiados. Quando essa visão de mundo é ampliada ou desviada por algum integrante da sociedade em questão, isso causa um profundo impacto individual caracterizado pelos **instantes de vertigem**. A partir daí o mundo já não é visto da mesma forma (SLOTERDIJK, 1992).

Os fenômenos emergentes nesses momentos de vertigem são interpretados de maneiras distintas, porém compartilham do fato de serem instantes confusos, tortuosos, inseguros e duvidosos. Para Peter Sloterdijk (1992, p. 59), a ruptura com as bases de um paradigma dominante proporciona a abertura de mundos mágicos, invisíveis e inexplicados durante a antiga visão de mundo. Diante do antigo paradigma dominante, esses mundos não seriam possíveis, nem perceptíveis. Sloterdijk (1992) ainda afirma que é o mundo que nos mostra o mundo. Esse mesmo mundo construído socialmente estabelece e molda os sentimentos, atitudes e percepções dos sujeitos que o ajudam a existir. *“O nosso conhecimento orgânico do mundo é formado pelo gesto soberano de mostrar e encobrir realidades de mundo”* (idem, p. 66). Sendo assim, o que acontece quando certas realidades são descobertas e desvendadas pelas plantas professoras da ayahuasca?

O homem contemporâneo, guiado pelo paradigma ocidental reducionista tenta excluir sua porção emotiva, passando a viver em função do imediatismo, da matéria e do agora. Naturalmente, as questões relativas ao espírito são relegadas ao descrédito, à segunda ordem das coisas mais importantes a se trabalhar, a se conquistar, a se conhecer. O medo daquilo que não se conhece, principalmente, o medo da morte, em nossas mecânicas urbanas contemporâneas, é uma constante pulsante, pois não sabemos lidar com aquilo que aparentemente é o fim de tudo. Não sabemos lidar com as coisas da alma.

*“Eu não me esqueço da primeira pêia, agora da primeira burracheira eu não me lembro de muita coisa! Na minha primeira burracheira eu não levei pêia. Levei uma depois de um bocado. Eu ali dentro do banheiro morrendo! Pra mim eu ia morrer. Aí o mestre (dirigente<sup>14</sup>) falou; ‘isso é assim mesmo’, aí eu disse; ‘não é assim mesmo não, eu vou morrer viu?’. É assim mesmo o que? O cabra vomitando e vendo que ia morrer. Aí ele (o mestre dirigente) me perguntou; ‘você já morreu pra saber como é a sensação da morte?’, aí eu disse ‘eu mesmo não, mas sei que hoje é o dia. O dia é hoje’, foi quando ele falou; ‘se acalme que não é morte não, é pêia’. Pense numa agonia”* (Diego: 20 anos: pertence ao Corpo Instrutivo da AEUDV).

<sup>14</sup> O mestre dirigente é aquele que dirige uma sessão com o Vegetal. Ele representa a presença simbólica do mestre Gabriel entre os demais durante o ritual.

Existe uma grande dificuldade em encarar a morte como um processo natural dos seres. Muitos acham o tema desesperador porque todo falecimento põe um ponto final no apego do ser vivo à matéria. Segundo o historiador Philippe Ariès (1989, p. 56), a morte é um forte tabu para os sistemas culturais ocidentais. Não sabemos explicá-la porque dela nos afastamos, mas ela nos incomoda e nos encontra, quando menos esperamos. Ariès afirma que o medo e a repulsa impõem interdições cotidianas ao tema e à experiência da morte. A verdadeira morbidez, para este autor, seria nada falar a seu respeito e fingir que ela não existe.

Portanto, tomando ayahuasca, os seres revisitam o tema da morte e se preparam para esse momento crucial. Sim, porque quando o falecimento lhes chegar, eles não contarão com a ajuda de ninguém. Partirão sozinhos nessa jornada, então eles precisam aprender como não se desesperar diante dos momentos da eventual desencarnação. E já que a morte é o destino certo, então cabe aos humanos viver melhor enquanto vivos. Os Hoasqueiros afirmam que o Vegetal mostra a casa dos espíritos, então cada ritual é um retorno ao lar espiritual ou Astral Superior. Ele dá uma idéia de como é a passagem. Para tal, é preciso transcender o material e esse desprendimento é doloroso para muitos iniciantes.

Perder o medo da morte é sem dúvida uma grande prova para o aluno Hoasqueiro, até porque, o enfrentamento desse medo pode ser considerado um **rito de passagem** que antecede a entrada nos encantos. Autores como Victor Turner (1974) e Arnold Van Gennep (1978) consideram como rito de passagem todo evento ritualístico que promova a superação de determinados limites temporais e espaciais. Sendo assim, o rito de passagem apresenta três fases primordiais. Para Van Gennep; **separação, margem e agregação**, enquanto que para Turner; **separação, liminaridade e reintegração**.

Os dois autores afirmam que a fase intermediária do rito, mostra-se turbulenta, pois o indivíduo é separado do estado inicial e deixado em transição. Durante a margem, para Van Gennep (1978), ou liminaridade, para Turner (1974), emerge o medo e o perigo decorrente de tal condição ambígua. Nesses instantes inconstantes é comum o surgimento de um forte sentimento de perda e até mesmo de uma morte momentânea.

Podemos notar no caso Hoasqueiro que, durante as sessões, esses momentos de passagem são freqüentes. Neles os participantes, após tomar o Vegetal, são lançados aos distintos planos da consciência, incomuns à realidade

cotidiana. Aqueles discípulos mais antigos sabem o que os espera durante essa jornada, porém os mais inexperientes podem sentir-se desorientados ao serem desconectados de suas realidades comuns e lançados ao plano espiritual. A turbulência dessa passagem pode muito bem ser comparada aos estados de falecimento, desprendimento, perda ou vazio. É preciso domesticar a força estranha para poder ser domesticado por ela e perder o medo da morte faz parte desse processo de aprendizado.

Segundo os alunos da AEUDV, o conhecimento maior propiciado pelo Vegetal só é possível quando a pessoa realmente entra nos encantos da burracheira. Para entrar é preciso ser humilde e simples, mas ao mesmo tempo o discípulo deve ter firmeza para saber se controlar durante a experiência e perder o medo da morte, decorrente da dificuldade do desapego material. Para entrar no Astral, o aluno sabe que precisa adquirir uma conduta que não condiz com certos atos e comportamentos que são reformulados em prol do desenvolvimento espiritual do Hoasqueiro.

Dessa forma, o discípulo encontra-se controlado e preparado para receber as mensagens da burracheira no Astral Superior, passando a encarar vida e morte em conjunto diante de sua caminhada espiritual, da qual emerge um constante fluxo de aprendizado e de contato entre as duas porções humanas, culturalmente opostas, mas que mantêm uma íntima relação comensal entre si. Quando a matéria conecta-se ao espírito e o espírito conecta-se à matéria, o êxtase promove cenários inesperados. O sujeito sente-se tomado por uma forte sensação de contato e união com uma ampla consciência universal, que existe por si e para si a partir da junção de todas as coisas numa constante dança cósmica que mobiliza o macrocosmo, o microcosmo, o finito e o infinito sendo a morte apenas uma das fases dessa dança.

### **1.1.3 Pêia coletiva**

O Hoasqueiro está ciente da importância do seu papel durante a sessão. Ele sabe que um pequeno desvio em seu comportamento influencia negativamente, a corrente de pensamentos que circula entre as pessoas, durante as sessões no

Salão do Vegetal<sup>15</sup>. Muitas vezes, devido ao descontrole de alguns mais esquecidos ou desavisados, o distúrbio individual provoca uma repercussão coletiva que interfere no desenvolvimento da ação ritual. Esses fenômenos turbulentos são vistos como interferências na corrente de pensamentos devido ao distúrbio e confusão de determinadas pessoas despreparadas dentro do salão. Cabe ao mestre dirigente receber e sentir a situação para poder corrigir essa interferência, por meio das chaves contidas nas chamadas<sup>16</sup> da União do Vegetal.

*“A desarmonia de poucos influi na harmonia de muitos. Os focos de desarmonia representam centros de atração para sentimentos e/ou pensamentos em igual sintonia, e tendem a se espalhar pela corrente”* (SILVA, 2002, p. 31). Às vezes também acontece de um adepto passar sua angústia individual para outro membro, durante a sessão, através de um simples toque. Os Hoasqueiros costumam ter um cuidado muito especial com o contato corporal, pois a situação de uma pessoa pode ser direcionada a outra, que muitas vezes não está preparada para receber tamanha carga de informação e acaba desviando a atenção devida, exigida pelo ritual. Nesse caso, se já havia um pequeno distúrbio, agora teriam dois ou mais, pois a situação pode chegar a atingir todos que estiverem no salão.

*“Quando chega dentro do salão, encontra aquelas pessoas mais antigas nos ensinamentos e eles captam as energias dos que chegam. Ao invés daquele que chega passar mal, muitas vezes aquela situação vem para a pessoa mais antiga. Isso são coisas que a burracheira mostra. Às vezes você escuta muitas vozes. Aquela coisa no seu ouvido fica murmurando e não dá para você entender nada não! Sempre surge dessa maneira. Muitas vezes não dá para você entender nada do que chega até você”* (Jair: 35 anos: pertence ao Corpo Instrutivo da AEUDV).

Sheldrake (1995, p. 330) ao analisar a transmissão de tendências, formas e comportamentos na natureza, apresentou a **hipótese da causalidade formativa** na tentativa de compreender melhor alguns fenômenos naturais e culturais. É correto afirmar, a partir dessa hipótese, que tanto a natureza quanto os sistemas sociais humanos dependem daquilo que aconteceu no passado. As tendências, nesse caso, repetem-se, pois seriam transmitidas a partir de **campos mórficos** organizadores

<sup>15</sup> O templo onde acontecem as sessões com ayahuasca nos sistemas udevistas é denominado Salão do Vegetal.

<sup>16</sup> Essas chaves são capazes de abrir ou fechar determinadas portas nos distintos estados da percepção. Sempre vêm junto das chamadas que são aprendidas nas sessões instrutivas assim como as histórias da União do Vegetal. Cada chamada contém uma chave e cada chave contém uma história. Lembrando que toda a doutrina udevista é oral e transmitida aos poucos de acordo com o envolvimento do discípulo que condiz com o respectivo grau hierárquico que ocupa na União.

Cad. de Pesq. Interdisc. em Ci-s. Hum-s., Florianópolis, v.11, n.98, p. 525-560, jan/jun. 2010

que estabelecem padrões habituais específicos e particulares. Segundo Sheldrake (1995, p. 15), quando um hábito é abandonado seu respectivo campo mórfico não desaparece, permanecendo, dessa forma, em estado latente, até que uma nova tendência possa acioná-lo.

Campos mórficos não podem ser considerados objetos materiais e suas transmissões informacionais não são energéticas. Eles devem ser encarados como meras regiões de influência. Os campos mórficos são mantidos e estabilizados pela **ressonância mórfica** de sistemas semelhantes e anteriores. A ressonância seria justamente a transmissão das influências causais formativas através do tempo e do espaço. Existe, dentro dos campos mórficos que são estabilizados e mantidos pela ressonância mórfica, uma memória cumulativa que, para Sheldrake (1995, p. 15), explicaria o motivo que induz os fenômenos a se tornarem cada vez mais habituais por repetição. Os campos não são rígidos. Apresentam-se como zonas de probabilidade que possuem uma flexibilidade inerente à sua transmissão. Podem facilmente deslocar as regiões de atuação diante de uma reorganização incomum às estruturas físicas e materiais.

Hábitos que se repetem são vistos também nas culturas e tradições que compartilham, segundo Sheldrake, de múltiplos campos mórficos que ditam o jeito de ser dos humanos. A influência da ressonância mórfica entre indivíduos próximos é tamanha, que os mesmos compartilham imagens, pensamentos, idéias e sentimentos de acordo com o sistema cultural específico que, como em todo o universo, segue regido pela hipótese da causalidade formativa na qual a ressonância mórfica é transmitida a partir da existência desses campos mórficos.

Para o nosso caso específico não seria diferente, visto que a partir da hipótese da casualidade formativa, os sistemas ayahuasqueiros também compartilhariam de campos mórficos que os conectariam ao passado a partir daquilo que pode ser entendido como tradição ayahuasqueira. Uma das provas concretas da atuação dos campos mórficos nesses sistemas de crenças pode ser observada, por exemplo, ao detectarmos a presença do fenômeno quase que universal da pêia, emergente nas sessões com ayahuasca.

Também podemos verificar, na prática, a transferência de certas tendências quando analisamos o modo de ação de uma pêia coletiva. Neste caso a tendência ou situação, é transmitida a todos no Salão do Vegetal, seja pelo simples toque corporal ou por desatenção de alguns discípulos despreparados. Logo, as visões

Cad. de Pesq. Interdisc. em Ci-s. Hum-s., Florianópolis, v.11, n.98, p. 525-560, jan/jun. 2010



ruins, sensações de enjôo, náuseas e vozes murmurantes passam a circular dentro da corrente de pensamentos. Segundo a hipótese da casualidade formativa, isso acontece devido à atuação de campos mórficos já existentes, mas que durante a sessão são ativados pela ressonância mórfica daqueles indivíduos desatentos, que permitiram a generalização e a transmissão da situação entre os demais.

O mestre dirigente e os adeptos reverterem essa atuação danosa por meio das chaves contidas nas chamadas da União do Vegetal. As chamadas também acionam outros campos mórficos que anulam a atuação das situações adversas fazendo com que os Hoasqueiros domesticuem a força estranha ao seu favor. A tensão é equilibrada durante a sessão de modo que a tranquilidade volte ao salão e o ritual possa acontecer sem maiores transtornos, transformando a pêia coletiva numa burracheira de luz. Isso quando o mestre dirigente equilibra a tensão da corrente e contorna a situação por meio das chamadas que trazem de volta a paz e a tranquilidade para dentro do Salão do Vegetal. Lembrando que o descontrole serve para a reflexão, purificação e para o bem dos alunos. São momentos turbulentos nos quais toda a irmandade aprende com seus erros e acertos, trabalhando a cada dia e a cada sessão para se aprimorar domesticando a força estranha e sendo modificado por ela.

## **1.2 Domesticando a força estranha. Histórias e chamadas**

A crença udevista é sustentada pela narrativa oral. Nenhum texto doutrinário foi escrito ou arquivado que possa ser acessado nos parâmetros materiais, salvo alguns artigos, dissertações e teses científicas<sup>17</sup>. Os ensinamentos são guardados na memória daqueles mais empenhados que por saberem mais, são mais cobrados porque têm mais a doar diante daqueles que desconhecem tal verdade. Os conceitos de memória e recordação são importantes bases udevistas. São, por assim dizer, os fios condutores dessa religião que se sustenta a partir da ação dos seus mestres e discípulos contadores de histórias.

O grau de memória do adepto está relacionado ao seu grau de informação obtido na doutrina, que condiz com sua caminhada espiritual. Não está

---

<sup>17</sup> Como exemplos, podemos citar as dissertações de Brissac (1999), Andrade (2005) e Ricciardi (2008); a tese de Goulart (2004), além do site oficial da instituição udevista: <http://www.udv.org.br/>  
Cad. de Pesq. Interdisc. em Ci-s. Hum-s., Florianópolis, v.11, n.98, p. 525-560, jan/jun. 2010

necessariamente relacionado às acuidades intelectuais, porém está ligado à capacidade do discípulo em saber ouvir, analisar, compreender, memorizar e recordar os ensinamentos do mestre Gabriel. O conhecimento é transmitido aos poucos e de acordo com os graus hierárquicos<sup>18</sup> constituintes dos sistemas guiados pela linha da União. O grau de memória e recordação do discípulo é avaliado rotineiramente e está relacionado à sua participação nos estudos da doutrina e ao seu comportamento dentro e fora do Salão do Vegetal. Durante as sessões instrutivas e aquelas direcionadas ao corpo do conselho<sup>19</sup>, o Hoasqueiro se aprofunda nos ensinamentos desse sistema de crenças. É quando ele entra em contato com as histórias e chamadas da UDV.

As histórias foram deixadas pelo mestre Gabriel para que seus seguidores possam visitar, avaliar e compreender as mensagens implícitas nesses importantes mitos. Nenhuma delas possui registro escrito. Ficam guardadas na memória dos adeptos mais antigos que as transmitem aos demais durante as sessões de instrução. Eliade (1998) afirma que todos os mitos compartilhados pela humanidade representam as histórias das origens. Eles são, ao mesmo tempo, explicações e exemplos, no sentido em que devem ser repetidos porque servem de modelos e justificam para todas as ações e crenças humanas.

Segundo este autor, os mitos podem ser identificados como **cosmogônicos** ou **de origem**. A narrativa dos dois tipos de mito nos remete a situações iniciais, porém a explicação dos eventos ocorre em tempos distintos. O surgimento do cosmo e do universo é relatado nos mitos cosmogônicos, enquanto os de origem comumente explicam uma nova condição, quase sempre relacionada à origem da vida. As duas categorias de mitos, pensadas pelo historiador, não se opõem, sendo suas narrativas complementares e auto-explicativas.

Tanto o mito cosmogônico quanto o de passagem precisam ser reatualizados durante os rituais. O momento inicial, o auge da criação, enfim o gênesis absoluto faz com que o homem religioso identifique no mito cosmogônico um tempo original e sagrado. A cosmogonia favorece o cenário ideal para a explicação do mito de origem, pois a origem da vida dos personagens míticos só é possível depois que formado o mundo e o universo. Durante os ritos as narrações são revisitadas e o

---

<sup>18</sup> São eles; discípulos do corpo instrutivo, discípulos do corpo do conselho e quadro de mestres. Maiores detalhes consultar Goulart (2004), Ricciardi (2008) e Lira (2009).

<sup>19</sup> As sessões dos udevistas estão divididas entre sessões de escala, sessões extras, instrutivas e comemorativas. Maiores detalhes consultar Goulart (2004), Ricciardi (2008) e Lira (2009).

que acontece agora repete o que aconteceu antes e a repetição sempre remete à primeira vez que aconteceu, no tempo mítico das origens.

Nos sistemas udevistas, algumas histórias, que representam os mitos cosmogônicos e de origem da doutrina, podem ser narradas pelos mestres dirigentes nas sessões de escala, enquanto outras ficam reservadas às sessões extras e instrutivas.

*“A história da Hoasca é ouvida por todos. Mas tem a história do carnaval, história de São Cosme & São Damião, tem a história de Santa Clara, tem a história da Samaúma, tem história do doutor Camalango, tem a história da criação... Essa da criação é só para o corpo instrutivo mesmo. Tem a história de Adão e Eva, entendeu? Então têm várias histórias que são contadas. A maioria das chamadas está conectada aos sentidos dessas histórias. Toda chamada tem uma chave”* (Mestre Jú Medeiros: 52 anos: pertence ao Quadro de Mestres da AEUDV).

Elementos fornecidos pelo Astral, as chamadas narram, repetem e reatualizam os mitos Hoasqueiros. Os seres espirituais e míticos são lembrados nesses cânticos que trazem consigo muitas chaves que abrem e fecham as devidas portas dos distintos planos da consciência. Muitas delas foram recebidas pelo mestre Gabriel. Seus discípulos, os Caianinhos<sup>20</sup> ouvem, praticam, estudam e entoam as chamadas nos rituais. Elas são consideradas sagradas, pois foram recebidas diretamente dos seres que habitam o Astral. Não podem ser alteradas e nem apresentar mensagens vagas ou versos sem sentido.

Existem critérios para aceitação desses cantos e utilização dos mesmos entre os demais. Na UDV esse trabalho é realizado pelo Conselho da Recordação. Tal conselho é composto pelos mestres mais antigos na tradição, que se encarregam de selecionar as chamadas, estudar suas mensagens e saber o histórico de quem as recebeu. A AEUDV ainda não apresenta um quadro definido e direcionado à seleção das novas chamadas que seus adeptos recebem, durante as sessões com o Vegetal. Alguns afirmam tê-las recebido<sup>21</sup>, mas as mesmas ainda não são entoadas nos trabalhos. Por enquanto, todas as chamadas feitas nos rituais dessa sociedade

<sup>20</sup> Os Caianinhos são os Hoasqueiros. Eles também são guarnecidos pelo personagem mítico Caiano o primeiro mestre da doutrina do Vegetal. Caiano também está presente na “*História da Oaska*”. Ele representada uma das várias encarnações do mestre Gabriel. Maiores detalhes consultar Andrade (2005), Goulart (2004), Ricciardi (2008) e Lira (2009).

<sup>21</sup> Na AEUDV, dois dos cinco entrevistados disseram ter recebido chamadas inéditas durante a burracheira. Um é mestre e o outro faz parte do corpo instrutivo. Ambos fizeram as chamadas fora do contexto ritual na presença do mestre Patrício (mestre representante) que ainda está avaliando a possibilidade de inserir as chamadas desses irmãos nas sessões. O mestre representante é aquele que representa um núcleo Hoasqueiro.

são udevistas e aprovadas pelo Conselho da Recordação. Mensagens recebidas pelos mais antigos mestres Hoasqueiros, sendo o mestre Gabriel o principal deles.

MacRae (1992, p. 42) analisa os **ícaros** entoados pelos vegetalistas peruanos conhecedores da ayahuasca. Segundo este autor, tais cânticos xamânicos possuem um papel fundamental diante da condução do ritual, pois norteiam as experiências místicas dos participantes. Ainda de acordo com MacRae (1992) os hinos entoados pelos daimistas, também possuem uma forte característica de guiar a experiência dos fieis ao mesmo tempo em que são capazes de projetar imagens vivas na mente dos freqüentadores dos rituais.

No caso das chamadas udevistas, a capacidade norteadora destes cantos, que são entoados nas sessões com o Vegetal, também é inerente. As palavras são simples, porém invocam e proporcionam uma miscelânea imagética fenomenal. *“Para os ayahuasqueiros, é inconcebível entrar no mundo dos espíritos em silêncio (...) Os cantos (...) provocam uma ampliação do campo visual, bem como visões de figuras geométricas. O som é um catalisador de visões”* (DROUOT, 1999, p. 42).

As chamadas também criam imagens nas mentes dos participantes da sessão e a vibração, emitida pelas vozes daqueles que as cantam, funciona como um veículo primordial, que conduz a experiência do Hoasqueiro. *“Os cantos e os rituais trabalham em harmonia para criar um campo morfogenético que sustenta e amplifica a experiência extática”* (idem). Sem dúvida, como vimos em Zinberg (1984) e MacRae (2004), nas histórias e chamadas da UDV estão implícitas as sanções sociais com as quais o Hoasqueiro domestica a experiência. Elas têm uma importância fundamental porque estimulam e desencadeiam os eventos durante as sessões, além de reatualizarem os mitos udevistas<sup>22</sup>. Cantar para o divino também parece constituir um fenômeno universal dentre aqueles que comungam essa bebida xamânica<sup>23</sup>.

Na AEUDV os adeptos são encorajados a entoar chamadas e realizar perguntas durante os rituais. Nos sistemas udevistas, essa participação ativa do

<sup>22</sup> Optei por não divulgar os conteúdos das chamadas, pois além desses cânticos serem considerados sagrados, os seus registros escritos vão de encontro aos princípios dessa doutrina. Nossa análise não é direcionada aos elementos que constituem as chamadas e sim às suas funcionalidades a partir da interpretação dos adeptos.

<sup>23</sup> A existência dessa tendência também pode ser entendida a partir da hipótese da casualidade formativa pensada por Sheldrake (1995) na medida em que observamos que os cantos e as músicas são bastante comuns entre aqueles que utilizam ritualmente essa bebida. Talvez os campos mórficos e a ressonância mórfica também influenciem na recorrência do fenômeno de cantar para o divino.

aluno garante o seu grau de instrução, firmeza, memória, recordação e interesse para com as doutrinas do mestre Gabriel. Portanto é necessário que ele saiba o que está fazendo e atenda-se às necessidades do trabalho. Obrigatoriamente em toda sessão de escala, devem ser feitas as chamadas de abertura e fechamento da sessão<sup>24</sup>.

Durante o ritual, outras chamadas surgem de acordo com a necessidade do trabalho. De acordo com o que está circulando dentro da corrente de pensamentos. Cabe ao mestre dirigente, e aos alunos, saber o que fazer durante as possíveis eventualidades. As chamadas de força são feitas no salão no intuito de ampliar a força do Vegetal e aumentar a burracheira. Existem chamadas de luz, que trazem clareza e esclarecimento para que todos tenham discernimento e possam se concentrar nos ensinamentos da sessão. Também têm as chamadas de socorro, caso algum participante precise de auxílio ou esteja passando por maus momentos durante os trabalhos.

Também algumas chamadas trazem cura, pois agem no intuito de aliviar ou curar determinados infortúnios, a depender do merecimento do enfermo. O papel das chamadas parece ir além da funcionalidade ritual. Elas também acompanham o dia-a-dia dos adeptos. Elas ficam, por assim dizer, na cabeça do aluno. Vez ou outra podem surgir no meio da semana e isso faz o adepto recordar do seu lugar de poder. Os adeptos indicam que muitas vezes esse consolo pode aparecer em momentos de crise, quando o Hoasqueiro se encontra perdido, no seu cotidiano, em problemas dos mais diversos. Involuntariamente, o subconsciente libera esses símbolos rituais que vêm à tona, de forma que um pouco da paz de espírito inerente às letras e vibrações das chamadas possa auxiliar, reforçar e discernir os caminhos certos a serem trilhados.

### **1.2.1 Simbologia Hoasqueira no caminhar cotidiano**

Da literatura antropológica sobre ayahuasca emerge um padrão surpreendente, que é o da recorrência de certos elementos comuns às visões provocadas pela infusão. Harner (1973, p. 155-175) concluiu que os itens mais comuns nas visões relatadas por indígenas são cobras, jaguares, demônios,

---

<sup>24</sup> Alguns personagens da cosmologia udevista são evocados nas chamadas de abertura e fechamento. Maiores detalhes consultar, Goulart (2004, p. 22).

deidades, cidades e paisagens naturais. Também se encontram, segundo seu relato, visões relativas à solução de crimes, vãos da alma, experiências de morte e ou clarividência. Observações similares são apresentadas em Der Marderoisan *et al.* (1970, p. 137-140), Naranjo (1973, p. 176-190), Furst (1990), Luna e Amaringo (1993) e Grob (1999, p. 214-294).

*“(...) Na primeira vez, eu bebi de uma só vez. Fiquei lá na mesa, o mestre sentado numa cadeirinha de balanço e aí começou a vir os efeitos do Vegetal. Eu comecei a ver diabos. Diabinhos por tudo que era canto; pelas mesas, pelas cadeiras, pelo ar... Comecei a entrar numa briga interna muito grande, porque pensei que aquilo era negócio do diabo, porque isso é feito de cipó, o cipó está no chão e o chão é o inferno, então tive essa compreensão; isso é coisa do diabo. Fiquei me perguntando aonde eu estava metido, fiquei questionando todo aquele negócio, mas sem medo. Apenas me precavendo e querendo saber onde estava (...) Nessa hora, um olho via uma coisa e o outro via outra completamente diferente. Pude ver duas telas na minha frente. Uma delas eram cores, cores e cores. A outra eram imagens tipo fotografias, que apareciam uma depois da outra. Eu fui ficando agoniado com a quantidade de cores. Mandeí parar, aquilo parou... Foi aí que eu disse que era coisa do diabo, foi quando me apareceu uma árvore, que eu via a copa da árvore, o tronco, o chão e a raiz. Pude vê-la em cima, vi em baixo e vi o meio. Foi quando a força perguntou assim; ‘onde está Deus e o diabo aqui?’. Foi quando eu vi que não tinha nada a ver esse pensamento. Aí depois o mestre toca em mim e pergunta se eu tinha burracheira. Quando eu olhei para ele, era o diabo em pessoa! O diabo mesmo Wagner! Com chifres, a língua grande, as orelhas compridas, os olhos vermelhões... O interessante é que eu não me assustei nem tive medo, apenas falei que veio a burracheira, baixei a cabeça e disse: meu Deus do céu, onde é que eu estou metido?” (Mestre Jú Medeiros: 52 anos: pertence ao Quadro de Mestres da AEUDV).*

O psicólogo Benny Shanon (2003) direcionou suas pesquisas com o propósito de estabelecer empírica e sistematicamente a recorrência de elementos de conteúdo presentes nas visões de diferentes usuários desse chá. Isso se deu, antes de tudo, mediante análise e comparação de dados fornecidos por 178 informantes, com diversas histórias pessoais, ambientes socioculturais variados e distintos níveis de experiência com a infusão.

Embora a existência de traços comuns às visões tenha sido observada de modo informal por muitos usuários da ayahuasca, até hoje não foi realizada nenhuma investigação sistemática a esse respeito. Especificamente, os relatos encontrados na literatura antropológica estão geralmente baseados em entrevistas (por vezes extensas) realizadas com indivíduos isolados (alguns de longa experiência pessoal com a bebida), mas não na interrogação sistemática de grupos (SHANON, 2003, p. 112).

Além das informações oriundas dos depoimentos dos informantes, as análises de Shanon (2003) estão baseadas em vários conjuntos de dados, os quais incluem os registros pessoais do autor; dados extraídos da literatura doutrinária, principalmente, encontrados no Livro das Mirações de Alex Polari (1984);

informações contidas nos depoimentos das análises antropológicas de Koch-Grunberg (1921), Rouhier (1924), Taussig (1987), Harner (1973), Reichel-Dolmatof (1975) e nas pinturas artísticas do xamã andino Pablo Amaringo (LUNA; AMARINGO, 1993).

Os conteúdos dos quadros de Amaringo (49 pinturas) são direcionados às visões emergentes nas experiências com o chá (Figura 1.a & Figura 1.b). Para Shanon (2003) tais imagens são comuns entre àqueles que comungam essa mística bebida.



**Figura 1:** “*Vision of the snakes*”, décima sétima pintura de Amaringo (LUNA; AMARINGO, 1993, p. 49). Conteúdos que, para Shanon (2003), são compartilhados entre os usuários da ayahuasca.



**Figura 2:** “*Types of Sorcery*”, vigésima nona visão de Pablo Amaringo (LUNA; AMARINGO, 1993, p. 179). Notável presença de conteúdos compartilhados entre distintos usuários desse chá, de acordo com a pesquisa de Shanon (2003).

A partir da análise de Shanon (1993), os *corpora*, ou conjunto de dados obtidos mediante o conteúdo das obras de Amaringo, foram bastante semelhantes àqueles levantados pelos relatos dos informantes pré-selecionados para sua pesquisa, ou seja, usuários dessa bebida imersos em culturas distintas e que a utilizam nos contextos mais diversos. Foi possível, durante a pesquisa de Shanon (2003), a construção de uma espécie de mapeamento geral e sistematizado de alguns conteúdos visuais comuns à mística experiência.

Os elementos de conteúdo predominantes nos relatos parecem definir um quadro único e coerente, ligado, ao mundo do fantástico, do maravilhoso e do encantado. Assim sendo, o autor separou os elementos visuais em quatro domínios principais: da natureza, da cultura, da fantasia e espiritual/sobrenatural. O que parece ser mais intrigante nessa pesquisa é o fato de que:

(...) alguns dos elementos mais comuns que aparecem nos dados não pertencem à natureza, mas à cultura: em especial os objetos de arte e magia (geralmente preciosos) e vários complexos arquitetônicos. As principais manifestações do domínio da cultura são cidades majestosas, a magnificência da realeza, os vários produtos da criação artística, religião e magia” (SHANON, 2003, p. 136).

Usualmente, de acordo com Shanon (2003), o que aparece nas visões não são conteúdos relativos ao meio sociocultural do próprio bebedor, mas sim aqueles associados, principalmente às civilizações antigas e demais elaborações culturais distantes, porém freqüentes no inconsciente coletivo daqueles que comungam essa bebida sagrada. Isso não quer dizer que todos vejam e sintam as mesmas coisas, sendo tais percepções bastante variáveis de acordo com a época, o lugar, o estado de espírito do bebedor e demais acontecimentos emergentes numa sessão específica, como músicas, conversas e demais explanações.

Shanon (2003) procurou levantar e explicar as recorrências visuais de maneira global, mesmo considerando-as um mistério. Em nenhuma hipótese procurou oferecer uma explicação definitiva para o fenômeno. Em vez disso, ele considerou esses achados intrigantes e passíveis ao diálogo entre antropologia e psicologia. Ele concluiu que os elementos mais comuns nas visões seriam as



serpentes e os jaguares, que habitam os mitos e o imaginário dos povos amazônicos.

*“(...) numa dessas últimas sessões, houve aqui uma situação onde eu vi uma pessoa e na mesma hora a pessoa era uma cobra. Eu nunca tinha visto uma cobra daquela! Uma cobra verde, brilhosa. Uma coisa bem diferente. Também só vi assim, ela andando bem longe e brilhosa. Uma coisa muito diferente”* (Dona Yonny: 58 anos: pertence ao Corpo do Conselho da AEUDV).

Além disso, o pesquisador afirma que os elementos visuais emergentes nas sessões com ayahuasca, divergem daqueles comuns aos sonhos. *“Em geral, os sonhos têm a ver com os acontecimentos e interesses da vida corrente do sujeito, enquanto as visões têm a ver com mundos que parecem bastante estranhos às experiências da vida ordinária”* (SHANON, 2003, p. 135). Aquilo que aparece nas visões, segundo Shanon (2003), reflete tanto as contingências ligadas à pessoa que bebe a infusão, quanto aos padrões cuja universalidade transcende a individuação pessoal.

Entretanto, devemos lembrar que a experiência com ayahuasca não se resume apenas às visões proporcionadas aos sujeitos que ingerem essa infusão. A hipótese da casualidade formativa, pensada por Sheldrake (1995), também nos ajuda a entender, por exemplo, como é possível a existência de um padrão visual comum entre os distintos usuários da ayahuasca. A atuação da ressonância mórfica, devido à manifestação de campos mórficos específicos promove a padronização e a repetição dos fenômenos visuais, entre eles a recorrência de imagens arquetípicas como serpentes, jaguares, palácios, templos, deidades, demônios, árvores, mandalas, flores e borboletas.

Não é de nosso interesse padronizar as visões dos informantes, mesmo porque acreditamos que tais conteúdos não teriam sentido isolados de seu contexto ritual que, no caso das sistematizações, desconsideraria outras sensações individuais que também interferem na experiência, como por exemplo, reflexões pessoais, reformulação de conceitos, alegria, tristeza ou agonia emergentes a partir da projeção inconsciente de determinadas imagens.

As visões podem até não estar diretamente relacionadas ao ambiente sócio-cultural dos usuários, como pensado por Shanon (2003), portanto as condições com as quais elas se apresentam, as motivações que influenciam, assim como a música e as explanações subseqüentes às mesmas são fatores primordiais, que permitem ao adepto avaliar sua vida a partir desses ensinamentos, que também incluem essas

imagens projetadas inconscientemente. Seria esse o processo da burracheira, unindo tais elementos em prol da reflexão e do aprendizado do Hoasqueiro. A doutrina, na qual a beberagem é administrada, influencia diretamente nos eventos da experiência.

É possível afirmar, diante da análise dos princípios cosmológicos udevistas, que a vida espiritual do Hoasqueiro não se dissocia da vida material. Entretanto, os informantes da AEUDV, em comum acordo, afirmam que as coisas da vida não se resolvem apenas no plano astral. Eles precisam de corpo e espírito para cumprir sua missão maior nesse plano terrestre. Essa missão maior, ao que tudo indica, é a eterna busca do conhecimento para si e para os outros. As aulas astrais se estendem para além dos limites rituais. A conduta do Hoasqueiro está ligada às mudanças de atitude rotineiras que muitas vezes são capazes de promover a redução dos danos causados por doenças e vícios, que podem estar interligados no processo da enfermidade, de acordo com a lei do merecimento. Dessa forma, é inegável a informação de que tais rituais ofertam indicadores simbólicos de como reorientar a vida na direção do melhor.

*“Eu deixei de beber. Eu parei de beber. Não foi o Vegetal que me fez parar de beber, na verdade foram outros determinantes, foram outras forças que me fizeram parar de beber. Eu também fumava muito e o que me fez parar de fumar mesmo foi Deus e o Vegetal. Se você tivesse idéia das coisas que a burracheira me mostrou sobre o cigarro, nem queira saber! Cada coisa feia e as peias que eu levei porque fumava e bebia... Você não tem idéia. O Vegetal me auxiliou muito em relação à ansiedade, em relação à angústia... Eu sinto que é como se eu tivesse retomado um caminho certo pra mim, entendeu? Um caminho difícil porque têm obstáculos, têm muitas coisas que você tem que vencer, merecer, conhecer e firmar, mas é um caminho de luz, um caminho bom” (Jair: 35 anos: pertence ao Corpo Instrutivo da AEUDV).*

O aluno Hoasqueiro também sabe que o chá é um simples veículo que amplia os sentidos da doutrina do mestre Gabriel. O Vegetal é apenas a ponte que conduz a ida e a volta do astral. Ele facilita a abertura dos portais, mas para tal tem que existir disciplina, ordem e discernimento daqueles que vão atravessar essa passagem. É quando podemos ver a interação das duas metades do homem que se constroem e se mantêm mutuamente, numa eterna jornada rumo ao aprimoramento.

Matéria e espírito. O dualismo, nesse caso, não é redutor e essa relação passa a ser retroalimentada pela ação de ambas as partes que unidas, dão continuidade ao homem renovado que repensa seus objetivos, atos, palavras, gestos e emoções num eterno ciclo complexo entre o material e o metafísico, sem

que ambas as partes se anulem ou disputem entre si, durante a caminhada espiritual.

O Vegetal atua acelerando o aprendizado do espírito nessa jornada evolutiva. Porém, essa potencialidade cognitiva tem um preço. Os Hoasqueiros afirmam que quanto mais informação se obtém, mais responsabilidade se tem e mais se é cobrado devido ao nível de informação de cada um. Por isso, as pêsas são bem mais intensas para aqueles que têm mais conhecimento. Informação, responsabilidade e cobrança aparecem, nessa dinâmica cognitiva, como três parcelas diretamente proporcionais. Os conceitos de certo e errado, nesse caso, passam pelo nível de conhecimento individual. Essa matemática do aprendizado Hoasqueiro repercute na vida social, na medida em que o indivíduo passa por densos períodos de reflexão (durante a burracheira) que o fazem se posicionar no cosmo, no mundo, na vida, no corpo e na sociedade. A experiência do transe extático faz do adepto um ser pensante:

(...) que não é o reflexo da imagem de Deus algum, mas que permite que todos os deuses o atravessem como uma ampla e inesgotável manifestação da natureza, para que assim possa enxergar que todos os deuses atravessam todos os homens (SILVA, 2002, p. 313).

A reformulação de certos atos e conceitos é inerente a tal processo. A mudança do adepto chama a atenção de alguns da sociedade, principalmente amigos e familiares do Hoasqueiro, que muitas vezes passam a procurar o chá, depois de observar como o mesmo conseguiu modificar sua vida, para melhor. O Vegetal parece atrair aqueles indivíduos mais indisciplinados, arredios e estigmatizados. É justamente o estranhamento provocado pela benéfica mudança de comportamento do hoasqueiro, que faz com que muitas pessoas cheguem aos centros, na busca dos conhecimentos do chá. Os novos grupos ayahuasqueiros fornecem este tipo de auxílio social, ampliando as chances das pessoas se reencontrarem na vida a partir de um posterior reencantamento do mundo.

### 1.2.2 Visitando a noosfera

O conceito de **noosfera** foi inicialmente proposto no ano de 1885 por Vladimir Ivanovich Vernadsky, um mineralogista e geoquímico russo-ucraniano. Segundo Edgard Morin (1998), a palavra noosfera é de origem grega e representa “círculo psíquico”; do grego *noos* = *mente (alma, espírito, pensamento, consciência)* e

*sphera (corpo limitado por uma superfície redonda)*. Ela representa justamente a camada do pensamento, idéias e crenças humanas, construída a partir dos milênios da existência do *Homo sapiens* e que se estabeleceu em conjunto com a geosfera e a biosfera.

Na década de 1920, o filósofo jesuíta e paleontólogo francês Pierre Teilhard de Chardin reformulou esse conceito, ampliando alguns detalhes dessa perspectiva. Segundo ele, além da atmosfera, geosfera e biosfera, existe também a noosfera, ou seja, a morada dos deuses, mitos e idéias, formada a partir de produtos culturais, pelo espírito, linguagens, teorias, doutrinas e conhecimentos elaborados pela raça humana (THEILARD DE CHARDIN, 1955).

Diante dessa perspectiva podemos considerar que as culturas estão nos espíritos, assim como os espíritos estão nas culturas. “*As sociedades só existem e as culturas só se formam, conservam, transmitem e desenvolvem através das interações cerebrais-espirituais entre os indivíduos*” (MORIN, 1998, p. 23).

Alimentamos a noosfera quando pensamos e nos comunicamos. Mas não podemos esquecer que a noosfera também nos alimenta, a partir dos mitos, idéias e pensamentos promovidos pelos diversos sistemas simbólicos e culturais. Esses elementos, na verdade, podem ser considerados extensões do *Homo sapiens*, que retroagem conosco, porém muitas vezes não são percebidos como tais, pois o homem atual encontra-se fragmentado e alheio à sua situação no mundo e no cosmo. Apesar da aparente distinção feita entre o material e o espiritual, as duas porções são, ao mesmo tempo, co-produtoras recíprocas uma da outra. Não podem ser reduzidas uma a outra por serem distintas e não podem ser separadas por serem co-produtoras, estabelecendo-se uma relação complexa e criativa (MORIN, 1998, p. 145-146).

Alguns autores, entre eles, Karl Popper (1977) e Edgard Morin (1998) referem-se à noosfera como o **terceiro mundo**. As coisas (mitos, espíritos e símbolos) que habitam essa esfera do pensamento, têm vida e vontade própria. Elas ajudam a construir os humanos que as constroem, pois são dotadas por um magnífico dinamismo co-produtor.

É possível aceitar a realidade (caso possa chamá-la assim) a autonomia do terceiro mundo e, ao mesmo tempo, admitir que o terceiro mundo nasce como um produto da atividade humana (POPPER, 1977 apud MORIN, 1998, p. 159).

O homem completo, consciente do seu devir, age e se deixa interagir por essas estruturas do pensamento que emergem naturalmente ao longo de sua vida. Um dos exemplos desse homem, não fragmentado na contemporaneidade, seria o Hoasqueiro, que mesmo vivendo o momento atual das fragmentações, consegue unir as partes dispersas no mundo, a partir do contato direto com essa dinâmica camada do pensamento. Seus mitos e ritos mantêm, ampliam e alimentam o astral (noosfera) assim como o astral conduz as suas vidas cotidianas fazendo-os repensar atos, gestos e antigos conceitos. Os dois níveis da existência encontram-se interligados e reorganizados numa lógica para além das bases reducionistas.

Essa esfera é como um meio, no sentido mediador do termo, interposto entre nós e o mundo exterior para fazer-nos comunicar com este. É o meio condutor do conhecimento humano (...) As culturas humanas produziram símbolos, idéias, mitos, que se tornaram indispensáveis às nossas vidas sociais. Os símbolos, idéias e mitos, criaram um universo onde os nossos espíritos habitam (MORIN, 1998, p. 146).

Mas como essas extensões humanas, que ficam nos âmbitos restritos da noosfera, podem extrapolar tais domínios astrais e atuar no cotidiano do Hoasqueiro, quando o mesmo se encontra longe do Salão do Vegetal? É plausível o argumento de que tal fenômeno pode ser influenciado pela ação direta de alguns símbolos emergentes durante a experiência religiosa. No caso dos sistemas udevistas tais símbolos estão presentes nas chamadas, histórias e situações de pêia, além das mensagens e visões do mundo espiritual, presenciadas durante os rituais.

A atividade inconsciente do homem moderno não cessa de lhe apresentar inúmeros símbolos, e cada um tem uma certa mensagem a transmitir, uma certa missão a desempenhar, tendo em vista assegurar o equilíbrio da psique ou restabelecê-lo (...) O símbolo não somente torna o Mundo “aberto”, mas também ajuda o homem religioso a alcançar o universal. Pois é graças aos símbolos que o homem sai de sua situação particular e se “abre” para o geral e o universal. Os símbolos despertam a experiência individual e transmudam-na em ato espiritual, em compreensão metafísica do Mundo (ELIADE, 1992, p. 111-112).

O antropólogo lingüista Edward Sapir (1934) analisa os símbolos criados pelos seres humanos, acoplando-os em duas grandes categorias; símbolos **referenciais** e símbolos de **condensação**. A primeira categoria é composta por aqueles símbolos que já possuem um significado comum à sociedade, de forma que sua atuação direciona a funcionalidade da mesma. Os símbolos de condensação estariam ligados à emoção e aos demais aspectos desconhecidos do inconsciente. Assim sendo, esses símbolos manifestam-se sob a forma de metáforas, durante a dinâmica ritual.

Apesar desse dualismo entre as categorias propostas por Sapir, nada impede que um símbolo seja ao mesmo tempo referencial e ou condensado, pois um mesmo símbolo que conduz o funcionamento da sociedade (referencial) pode despertar sentimentos inconscientes nos participantes de um ritual transformando-se, dessa forma, num elemento simbólico de condensação. O oposto também pode acontecer, quando um símbolo condensado torna-se referencial<sup>25</sup>. Para o nosso caso específico, interessa o momento em que Sapir afirma que:

Enquanto símbolos referenciais crescem com uma elaboração formal consciente, os símbolos condensados alcançam raízes profundas do inconsciente e suas qualidades emocionais se difundem em comportamentos distantes do curso aparente das significações (SAPIR, 1934 apud TURNER, 1974, p. 87).

É quando o Hoasqueiro, por algum motivo, acessa esses conteúdos metafóricos e emocionais que imediatamente os remete ao seu lugar de poder. Mesmo longe do Salão do Vegetal, ele não se esquece da sua caminhada espiritual, pois tais elementos simbólicos afloram em seu inconsciente, a necessidade de mudança para o alcance da conduta exigida. Isso faz com que atos, gestos e palavras sejam repensados e reformulados cotidianamente. É o que os Hoasqueiros denominam de eterna ligação com o trabalho espiritual. Quando, por exemplo, as chamadas vêm à cabeça durante a semana num momento de agonia ou quando sente os enjões e náuseas da pêia ao fazer algo fora dos ensinamentos, no seu dia-a-dia, o aluno relembra que tem um caminho de luz a seguir.

O que desencadeia a ação desses símbolos de condensação permanece um mistério. A emergência de tais conteúdos promove uma atmosfera de reflexão estimulada por símbolos que atuam para além do seu lugar de origem, longe do Salão do Vegetal. A vida dos Hoasqueiros se renova durante os estados da burracheira que os fazem refletir sobre sua condição de ser humano no mundo. Eles voltam do plano astral trazendo consigo os ensinamentos e a responsabilidade dessas informações obtidas durante os encantos. O aluno é tomado por uma forte

---

<sup>25</sup>Um exemplo possível dessa dinâmica pode surgir se fizermos uma análise superficial da simbologia de um simples copo. Seguindo essa lógica, um copo seria um símbolo referencial, pois o mesmo nos remete a uma função social universal que é a de beber líquidos. Porém, durante o ritual, esse elemento simbólico mostra-se condensado, pois dentro do copo está um líquido sagrado que está prestes a ser comungado e isso aflora sentimentos inconscientes. Da mesma forma esses sentimentos podem emergir, quando o copo for visto fora da atmosfera ritual. Lembrando que tal comparação serve apenas como exemplo ilustrativo para uma maior compreensão da dinâmica simbólica de Edward Sapir.

necessidade de mudança interior porque sabe que para reformular o mundo em que vive, precisa mudar a si mesmo.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. P. **O Fenômeno do Chá e a Religiosidade Cabocla**: um estudo centrado na União do Vegetal. 1995. 231f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Instituto Metodista de Ensino Superior. São Bernado do Campo, 1995.

ARIÈS, P. **Sobre a História da morte no Ocidente**: desde a idade média. 2 ed. Lisboa: Editorial Teorema, 1989.

BACHELARD, G. **Ensaio sobre o Conhecimento Aproximado**. Rio de Janeiro, Contraponto, 2004.

BRISSAC, S. **A Estrela do Norte Iluminando Até o Sul. Uma etnografia da União do Vegetal em um contexto urbano**. 1999.235f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional. Rio de Janeiro, 1999.

CARVALHO, E. A. **Enigmas da Cultura**. São Paulo: Cortez, 2003.

DER MARDEROISAN, A. et al. F. The use and hallucinatory principles of a psychoactive beverage of the Cashinahua tribe. **Drug Dependence**, v.5, p.7-14, 1970.

DROUOT, P. **O físico, o xamã e o místico**. Rio de Janeiro: Record- Nova Era, 1999.

FURST, P. **Flesh of the gods**: the ritual use of hallucinogens. Prospect Heights, Illinois: Waveland Press, 1990.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva S. A., 1998.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GOULART, S. L. **Contrastes e Continuidades em uma Tradição Amazônica**. 2004. 315f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004



GROB, C. The psychology of Ayahuasca. In: METZNER, R (ed.), **Ayahuasca: hallucinogens, consciousness**. New York: Thunder's Mouth Press, 1999.

HARNER, J. Common themes in South American indian yagé experiences. In: HARNER, M. J. (ed.). **Hallucinogens and shamanism**. Oxford: Oxford University Press, 1973.

KOCH-GRUNBERG, T. **Zwei Jahre Bei den Indianern Nordwest-Brasiliens**. Stuttgart: Strecker und Schoder, 1921.

LEARY, T; METZNER, R; ALPERT, R. **The Psychedelic Experience: a manual based on the Tibetan Book of the Dead**. New York: Citadel Press, 1964.

LIRA, W. L. **Os trajetos do êxtase dissidente no fluxo cognitivo entre homens, folhas, encantos e cipós: uma etnografia ayahuasqueira nordestina**. 2009. 245f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009.

LUNA, L. E. **Vegetalismo: shamanism among the mestizo population of the Peruvian Amazon**. Estocolmo: Almquist and Wiksell Internacional, 1986.

LUNA, L. E.; AMARINGO, P. **Ayahuasca visions**. Berkeley: North Atlantic Books, 1993.

LUTZ, C.; WHITE, G. The Anthropology of Emotions. **Annual Review of Anthropology**, North Caroline, v.15, p.405-436, oct. 1986.

MACRAE, E. **Guiado pela Lua. Xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MACRAE, E. O uso ritual de substâncias psicoativas na religião do Santo Daime como exemplo de redução de danos, Brasília: **Texto apresentado para a Câmara de Assessoramento Técnico-Científico do Conselho Nacional Antidrogas (CONAD)**, 2004. Disponível em: [http://www.santodaime.it/Library/ANTROPOLOGY&SOCIOLOGY/macrae04a\\_portuguese.pdf](http://www.santodaime.it/Library/ANTROPOLOGY&SOCIOLOGY/macrae04a_portuguese.pdf). Acesso em: 17 jan. 2009.

MAFFESOLI, M. **Sobre o Nomadismo; Vagabundagens Pós-Modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MORIN, E. **O Método 4. As idéias. Habitat, vida, costumes, organização.** Porto Alegre: Sulina, 1998.

MORIN, E. **Ciência com Consciência.** 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

NARANJO, C. Psychological aspects of the yaje experience in an experimental setting. In: M. J. Harner (ed.), **Hallucinogens and shamanism.** Oxford: Oxford University Press, 1973.

POLARI, A. **O Livro das Mirações: viagem ao Santo Daime.** Rio de Janeiro: Nova Era Record, 1984.

POPPER, K.; ECCLES, J. **The Self and its Brain.** New York: Springer-Verlag Editor, 1977.

REICHEL-DOLMATOFF, G. **The shaman and the jaguar: a study of narcotic drugs among the Indians in Colombia.** Philadelphia: Temple University Press, 1975.

RICCIARDI, G. S. **O Uso da Ayahuasca e a Experiência de Transformação, Alívio e Cura, na União do Vegetal (UDV).** 2008.152f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008.

ROUHIER, A. Le yagé: plante télépathique. **Paris Médical**, Paris, n.52, 1924.

SAPIR, E. Symbols. In: EDWIN, R. A. **Encyclopedia of the Social Science.** New York: Macmillan, 1934.

SHANON, B. Os conteúdos das visões da ayahuasca. **Mana:** v. 9, n. 2, 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132003000200004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132003000200004&script=sci_arttext). Acesso em: 20 mai. 2008.

SHELDRAKE, R. **A ressonância mórfica & a presença do passado. Os hábitos da natureza.** 1 ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

SILVA, E. D. **A Fábula Restante dos Últimos Homens.** 2002. 327f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - PUC, São Paulo, 2002.

SILVA, L. O. **Marachimbé veio foi para apurar. Estudo sobre o castigo, ou peia, no ritual do Santo Daime.** 2002. 215f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2002.

SLOTERDIJK, P. **Mobilização Copernicana e Desarmamento Ptolomaico: Ensaio Estético.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

TAUSSIG, M. **Shamanism, colonialism, and the wild man: a study in terror and healing.** Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

THEILARD DE CHARDIN, P. **Le Phénomène Humain.** Paris: Éditions du Seuil, 1955.

TURNER, V. **O processo ritual.** Petrópolis, Vozes, 1974.

VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem** (Apresentação de Roberto da Matta). Petrópolis: Vozes, 1978.

ZINBERG, N. **Drug, set and setting.** New Haven: Yale University Press, 1984.

Ensaio:

Recebido em: 29/04/2010

Aceito em: 02/05/2010